

A FELICIDADE ONDE NÃO SE ESPERA

Uma meditação sobre as bem-aventuranças

JACQUES PHILIPPE



A FELICIDADE ONDE NÃO SE ESPERA

Uma meditação sobre as bem-aventuranças

2ª edição

Tradução
Pedro Sette-Câmara



QUADRANTE

© EDITIONS DES BEATITUDES, S.O.C., 2017

Capa
Gabriela Haeitmann

Título original
Le bonheur où on ne l'attend pas: méditation sur les Béatitudes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Philippe, Jacques

A felicidade onde não se espera : uma meditação sobre as bem-aventuranças / Jacques Philippe – 2ª ed; tradução Pedro Sette-Câmara – São Paulo : Quadrante, 2024.

Título original: *Le bonheur où on ne l'attend pas: méditation sur les Béatitudes*

ISBN: 978-85-7465-385-3

1. Bem-aventuranças 2. Bem-aventuranças - Meditações I. Título. II. Série.

CDD 226.9307

Índice para catálogo sistemático:

1. Bem-aventuranças : Evangelhos : Comentários 226.9307

Todos os direitos reservados a QUADRANTE EDITORA
Rua Bernardo da Veiga, 47 - Tel.: 11 3873-2270
CEP 01252-020 - São Paulo - SP
www.quadrante.com.br | atendimento@quadrante.com.br

Sumário

Introdução	11
Um olhar geral para esse Evangelho	12
A Trindade nas bem-aventuranças	16
As bem-aventuranças, caminho de maturidade humana	21
Coerência e unidade	22
Aspecto pessoal e comunitário das bem-aventuranças	24
Realidade presente e realização escatológica	25
A pobreza de espírito	27
A pobreza no Antigo Testamento	30
A ternura de Deus pelo pobre	34
A provação do tempo	37
A pobreza como provação e como graça: a experiência do deserto	39
Pobreza, humildade, mansidão	41
Como tornar-se o homem mais humilde da terra?	43
O resto pobre de Israel	48
Ser pobre na relação com Deus	52
Quanto mais pobres formos, mais ricos seremos	56
Servos inúteis	57
Ser pobre na relação consigo mesmo	62
Ser pobre na relação com o próximo	64
Pobreza na relação com a vida	67
Pobreza de espírito e virtudes teológicas	72

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados	75
Uma promessa de consolação	75
O Messias sofredor e consolador	79
Que lágrimas receberão consolação?	80
O Pai das misericórdias e o Deus de toda consolação	83
Buscar em Deus a consolação	88
Tornar-nos consoladores	89
Bem-aventurados os mansos	93
Deus, fonte de toda mansidão	93
A terceira bem-aventurança e o Salmo 37	97
A mansidão evangélica e seus aspectos	98
O que significa «eles possuirão a terra»?	99
A mansidão contraposta à vingança	102
Mansidão e cólera	104
A mansidão para consigo mesmo	108
Como se endurece o coração do homem?	109
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça	113
O desejo de santidade	114
Desejar a salvação para todos	116
O desejo de verdade	120
Qual é meu desejo mais profundo?	121
Que a sede de Jesus se torne a nossa sede	123
Reparar a injustiça fundamental da qual derivam todas as outras	125
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia	129
As leis da vida	130
A fonte do perdão	132
Pai, perdoa-lhes... ..	133
Perdão, ato de fé e de esperança	134
O perdão nos liberta	139
Perdoar toda dívida	140
Abandonar a lógica da troca	142
Ninguém me deve nada	144
Uma pequena história de perdão num casal	147
Praticar a misericórdia faz bem a nós mesmos	148
Bem-aventurados os puros de coração	151
A pureza de coração no Antigo Testamento	152
Teu corpo é teu coração	156

Pureza de coração é ser misericordioso com todos os seres.....	159
Conservar o coração puro pela provação e pelos sofrimentos	160
Bem-aventurados os pacíficos.....	163
Urgência da paz	165
A paz, promessa divina.....	167
Por que buscar a paz?.....	169
Necessidade de um sabá da alma.....	171
Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça.....	175
O discípulo e o mestre.....	175
Continuidade com a Antiga Aliança	178
A graça de sofrer pelo Cristo.....	180
Como praticar essa bem-aventurança?	185

Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus!

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados!

Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra!

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados!

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia!

Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus!

Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus!

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus!

Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim.

Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos Céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.

A pobreza de espírito

«O único bem consiste em amar a Deus de todo o coração e ser pobre de espírito aqui na terra...».

«Experimentamos grande paz em sermos absolutamente pobres, em contar só com Deus».

«Não tenha medo, quanto mais pobre você for, mais Jesus a amará».

– Santa Teresa de Lisieux²

A primeira das bem-aventuranças proclamadas por Jesus é: *Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus* (Mt 5, 3). O texto grego utiliza a expressão *ptochos to pneuma*, «pobres de espírito», mas às vezes encontramos as traduções «Bem-aventurados os que têm coração de pobre» e «Bem-aventurados os que têm alma de pobre», que são absolutamente legítimas.

(2) *História de uma alma*, Manuscrito A, 32v; Últimas palavras, *O caderno amarelo*, 6 de agosto, n. 4; Carta 211, à sua irmã Celina.

Essa primeira bem-aventurança é a origem de todas as outras e as contém em germe. Seria fácil mostrar que cada uma das que se seguem exige certa forma de pobreza de coração. No centro do Evangelho e da pessoa de Jesus, há um mistério de pobreza que é absolutamente essencial e sem o qual não se está dentro de uma lógica cristã. *Vós conheceis a bondade de nosso Senhor Jesus Cristo. Sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer por sua pobreza* (2 Cor 8, 9), diz São Paulo.

No entanto, isso não é fácil de entender. Mesmo no âmbito da vida espiritual, quase sempre raciocinamos em termos de riqueza, de acumulação, de aquisição de certos bens. É preciso tempo e experiência para apreender a verdade profunda desse texto.

Pessoalmente, estou cada vez mais convencido de que a pobreza de espírito é a chave da vida espiritual, da santidade, de toda fecundidade, bem como da felicidade verdadeira. Somente os pobres recebem plenamente a graça do Espírito Santo, a revelação do mistério de Deus. *Pai, Senhor do céu e da terra, eu te dou graças porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste aos pequeninos* (Lc 10, 21).

Existe uma pobreza negativa (miséria material ou moral, de vida interior...) que se deve combater, é claro, e é isso o que a Igreja faz desde sempre. No entanto, há também uma pobreza que é boa, fonte de vida e de alegria, à qual Jesus nos convida e da qual os santos dão testemunho. «Não, não existe alegria comparável à que goza o verdadeiro pobre de espírito»³.

Em que consiste essa pobreza espiritual? Se me pedissem

(3) Santa Teresa de Lisieux, *História de uma alma*, Manuscrito C, 16v.

para sintetizá-la em uma frase, eu diria que se trata essencialmente de uma forma de liberdade, da *liberdade de tudo receber de graça e de tudo dar de graça*.

Quando envia seus apóstolos em missão, Jesus lhes fala assim: *Anunciai que o Reino dos Céus está próximo. Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios. Recebestes de graça, de graça dai!* (Mt 10, 7-8).

O que mais impressiona na missão dos discípulos é que Jesus os envia numa grande precariedade material, de modo que sejam levados a apoiar-se somente em Deus e, assim, ter a experiência de sua Providência. Ao mesmo tempo, promete-lhes que uma graça muito forte repousará sobre eles: a graça da cura, autoridade sobre as potências do mal, capacidade de comunicar a paz... Sobre sua pobreza repousará a força do Espírito.

A frase *Recebestes de graça, de graça dai* me parece uma dessas frases-chave do ensinamento de Jesus. Ela resume, na minha opinião, toda a essência da vida cristã, da existência segundo a lógica do Reino – aquilo que Jesus denomina «justiça do reino» quando diz, por exemplo: *Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão dadas em acréscimo* (Mt 6, 33).

Em parte, essa lógica consiste em tudo receber gratuitamente do amor e da misericórdia de Deus, em recebê-lo não segundo nossos méritos ou algum «direito» qualquer que pudéssemos reivindicar, mas segundo a riqueza de sua generosidade e bondade. Trata-se de entender que os dons divinos não devem ser conquistados, mas acolhidos, o que é bem diferente. Por outro lado, deve-se dar tudo aquilo que recebemos, compartilhá-lo com a mesma generosidade e gratuidade com que Deus nos beneficiou.

A pobreza de coração é, no fim das contas, a liberdade de tudo receber de graça e tudo dar de graça, sem que nosso «ego» – suas pretensões e suas reivindicações – fique se interpondo. Exige a morte para si mesmo, um desapego radical, mas que conduz a uma transparência perfeita em relação à ação de Deus, à alegria de receber e dar livremente.

Dito isso, é preciso muito tempo e um longo caminhar para chegar a essa liberdade. Ela pede, como desenvolveremos em seguida, uma transformação profunda de nossa existência, bem como da maneira de nos conectarmos com Deus, com nós mesmos e com os outros.

A pobreza no Antigo Testamento

Para entender bem tanto o sentido da pobreza de espírito quanto o modo de progressivamente alcançá-la, começaremos por examinar as raízes dessa ideia no Antigo Testamento. Ao proclamar as bem-aventuranças, Jesus destaca a novidade do Evangelho, mas essa novidade encontra sua preparação na história de Israel. Não se pode compreender a mensagem das bem-aventuranças, e a da pobreza em particular, se não levamos em conta o desenvolvimento progressivo, no Antigo Testamento, de uma visão positiva da pobreza. Em seguida, sobre a base dessa meditação e dos textos do Evangelho, veremos como praticá-la, isto é, no que consiste ser pobre na relação com Deus, na relação consigo mesmo, na relação com o outro e na relação com a vida.

Quando o Antigo Testamento lida com o tema da pobreza, aborda-o evidentemente de maneiras complexas e diversas. Não vamos discuti-las todas. Nas camadas mais

primitivas, a pobreza é com frequência vista como realidade negativa, ou mesmo como sinal da reprovação de Deus, enquanto interpreta-se a riqueza como bênção divina. Em outros textos (de modo particular, em certas passagens dos profetas), a pobreza será vista como escândalo, como uma injustiça gritante e intolerável em Israel. Haverá, portanto, apelos vigorosos para que sejam remediadas todas as formas de injustiça social, para que se cuide dos pobres e estrangeiros, etc. Esses textos claramente conservam sua atualidade. Veremos tanto a polêmica contra os ricos egoístas e indiferentes quanto essa apologia em favor dos pobres serem retomadas com vigor nos textos do Novo Testamento – por exemplo, nos Evangelhos (a parábola do rico mau e do pobre Lázaro, em Lc 16, 19-31), ou ainda nas palavras terríveis de São Tiago:

Vós, ricos, chorai e gemei por causa das desgraças que sobre vós virão. Vossas riquezas apodreceram e vossas roupas foram comidas pela traça. Vosso ouro e vossa prata enferrujaram-se, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós e devorará vossas carnes como fogo. Entesourastes nos últimos dias! Eis que o salário, que defraudastes aos trabalhadores que ceifavam os vossos campos, clama, e seus gritos de ceifadores chegaram aos ouvidos do Senhor dos exércitos. Tendes vivido em delícias e em dissoluções sobre a terra, e saciastes os vossos corações para o dia da matança! Condenastes e matastes o justo, e ele não vos resistiu (Tg 5, 1-6).

Como essas palavras se conservam atuais num mundo em que as desigualdades entre pobres e ricos são cada vez maiores, em que as injustiças associadas ao amor

pelo dinheiro são tão frequentes e o sangue dos pobres clama a Deus!

Aquilo que agora mais nos interessará é o fato de que, no Antigo Testamento, sobretudo após a destruição de Jerusalém e do exílio na Babilônia, desenvolve-se pouco a pouco uma visão positiva da pobreza – uma espiritualidade da pobreza, poder-se-ia dizer – com a emergência da figura dos «pobres do Senhor». Constata-se isso em diversos textos dos profetas (de modo particular em Isaías, sobretudo na segunda parte do livro), em certos escritos sapienciais e muito especialmente nos Salmos, em que o tema é muito presente.

Encontramos nesses escritos toda uma constelação de termos associados à ideia da pobreza: «pobre», «frágil», «pequeno», «humilhado», «afrito», «oprimido», «indigente», «esfomeado», «infeliz», «coração partido»... Encontramos neles, também, certos cenários sociais marcados pela precariedade: o da viúva, do órfão, do estrangeiro... Nessa constelação figuram termos que descrevem situações de fato (condições sociais difíceis, situações de humilhação, de angústia, de provação...), mas também outros que evocam disposições interiores, como a humildade, a mansidão, a simplicidade, a esperança em Deus...

Parece-me que a ideia fundamental – ou, acima de tudo, a experiência espiritual de que a Sagrada Escritura quer dar testemunho – é bastante simples. O que é o pobre no Antigo Testamento? Uma pessoa que se encontra em situação humana dolorosa (de precariedade, sofrimento, humilhação ou algo análogo) e que, por causa dessa situação, só pode contar com Deus. Sem apoio nem socorro nesta terra, à mercê da angústia, objeto com frequência do desprezo dos ricos e dos poderosos, só lhe resta uma coisa, que é clamar ao Senhor:

Não fiqueis longe de mim, pois estou atribulado; vinde para perto de mim, porque não há quem me ajude (Sl 21, 12). No entanto, e por isso mesmo, essa pessoa cedo ou tarde vivencia a experiência da bondade e da fidelidade de Deus para com aqueles que contam com Ele. Há, então, no início uma realidade dolorosa e negativa, mas que se torna extremamente positiva. Toda a riqueza da bondade, da misericórdia e da ternura divina acaba por manifestar-se para esse pobre, que entra num verdadeiro conhecimento de Deus. Deus não é mais uma palavra vaga, um conceito abstrato, um hábito do pensamento, mas torna-se o Deus vivo e misericordioso, o Deus de ternura e piedade que cantam os Salmos.

Isso, no entanto, pressupõe que a pobreza não é apenas uma situação de fato, mas que provoca pouco a pouco atitudes interiores de humildade, de pequenez, de abertura para Deus, de esperança confiante em sua misericórdia.

Essa condição de pobreza está muitas vezes ligada a condições materiais, mas nem sempre. Encontramos na Sagrada Escritura alguns belos exemplos de pobreza no sentido que acabo de mencionar, isto é, entre pessoas materialmente ricas. É o caso de Davi, que se tornará pouco a pouco, na tradição bíblica, exemplo de pobreza interior, graças a seu arrependimento após o pecado cometido (cf. 2 Sm 11; 12) e, também, às suas aflições: expulso de Jerusalém pela revolta de seu filho Absalão, ele subirá, chorando, o Monte das Oliveiras (2 Sm 15, 30).

A oração da rainha Ester é mais um bom exemplo. Ela claramente não se encontra em situação de pobreza material, mas de sofrimento e de angústia interior. Prepara-se uma perseguição contra os judeus, que Amã deseja exterminar. A rainha, que não pode permanecer passiva diante

da ameaça contra seu povo, decide intervir junto ao rei e apresentar-se a ele, correndo risco de vida. A lei estipula que toda pessoa que se apresenta ao rei sem ser convocada é passível de morte. Antes de agir assim, ela jejua, faz penitência e suplica a Deus:

Meu Senhor, nosso único rei, assisti-me no meu desamparo, porque não tenho outro socorro senão vós, e o perigo que me ameaça eu o toco já com as mãos. [...] Assisti-me no meu abandono, a mim que não tenho senão a vós, Senhor. [...] Ó Deus, que sois poderoso sobre todas as coisas, ouvi a voz daqueles que não têm outra esperança; livrai-nos das mãos dos malvados, e livrai-me de minha angústia (Est 14, 3-4; 14; 19).

O pobre não tem mais apoio ou seguranças humanas, mas, caso se volte para Deus, Ele se torna seu refúgio e seu conforto.

A ternura de Deus pelo pobre

Uma das afirmações mais recorrentes no Antigo Testamento, em particular nos Salmos, diz respeito à ternura que Deus nutre pelo pobre que conta com Ele. Tomemos alguns exemplos. Vale a pena reler todos esses textos e guardá-los no coração, de tanto que exprimem a bondade e fidelidade de Deus para com o homem.

Na segunda parte de Isaías, encontramos estas passagens:

Portanto, nada de medo, Jacó, pobre vermezinho, Israel, mísero inseto. Sou eu quem venho em teu auxílio, diz o Senhor, teu Redentor é o Santo de Israel (Is 41, 14).